

A ABORDAGEM TRIANGULAR NO ENSINO DA ARTE: A PRÁTICA COM A XILOGRAVURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE TRIANGULAR APPROACH IN THE TEACHING OF ART: THE PRACTICE WITH WOODCUT IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Jefferson Melo da Silva **1**
Andrialex William da Silva **2**

Resumo: Uma questão importante no cenário educacional atual é a valorização das artes visuais e das diferentes culturas, um exemplo que une essas duas temáticas é a xilogravura. Assim, objetivamos analisar uma intervenção pedagógica na educação infantil que tinha como protagonismo a xilogravura. A pesquisa fez uso da Abordagem Triangular (BORBOSA, 2007) como alicerce teórico. O estudo caracteriza-se como uma intervenção pedagógica no campo da Educação Infantil, atuando com crianças entre 3 e 4 anos de idade da cidade de Natal – Rio Grande do Norte. O estudo revelou o estranhamento das crianças com a arte local, a xilogravura, o que apontou para a necessidade de práticas que valorizem tal patrimônio cultural no ambiente escolar. Além disso, a intervenção apoiada na Abordagem Triangular promoveu momentos exitosos de aprendizagens e discussões. Por fim, concluímos apontando a necessidade de práticas que valorizem as artes visuais e as diferentes culturas.

Palavras-chave: Xilogravura; Artes Visuais; Cultura; Abordagem Triangular; Educação Infantil.

Abstract: An important matter in the current educational scenario is the appreciation of the visual arts and the different cultures, an example which ties these two themes is woodcut. Therefore, we aim to analyze an educational intervention in early childhood education which had as a protagonist the woodcut. The research used the Triangular Approach (BORBOSA, 2007) as theoretical basis. The study is characterized as an educational intervention in the field of Early Childhood Education, acting with children between 3 and 4 years old in the city of Natal – Rio Grande do Norte. The study revealed the children's strangeness towards the local art, the woodcut, which pointed to the need of practices that valued such cultural heritage in the school environment. Furthermore, the intervention supported in the Triangular Approach promoted winning moments of learning and discussions. Finally, we conclude by pointing out the need of practices which value the visual arts and the different cultures.

Keywords: Woodcut; Visual Arts; Culture; Triangular Approach; Early Childhood Education.

Graduado em Design Gráfico pela UnP e em Pedagogia pela UFRN. **1**
Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4295740411301269>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3618-2494>. E-mail: jeftson70@gmail.com

Graduado em Pedagogia pela UFRN. Especialista em Literatura e Ensino IFRN e em Psicopedagogia Escolar pela UNINASSAU. Mestre e doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3980322776155196>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0177-2902>. E-mail: andrialex@outlook.com **2**

Introdução

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar!

(A função da Arte/1 – Eduardo Galeano)¹

Diante de uma educação cultural e artística levada sob olhar de dúvida, que entende a mera reprodução e repetição de tarefas a chave para o sucesso da aprendizagem da linguagem artística, é necessário (re)pensar as práticas pedagógicas que visão trabalhar com tal educação. Assim, propor ações de aprendizagens significativas e exitosas, além de valorizar o ensino das artes e da cultura são pontos fundamentais na mudança de deste olhar. Com isso, este artigo busca colaborar com as discussões no âmbito do ensino artístico e cultural para a crianças, no sentido de valorizar a prática com as linguagens artísticas nas salas de aula e, assim, contribuir para a construção de sujeitos críticos e conhecedores das artes e da cultura.

Historicamente, o ambiente escolar tende a valorizar uma temática em detrimento de outra. O ensino da língua escrita e matemática tem hoje destaque no campo curricular da educação básica, se sobrepondo a outros saberes, conhecimentos e habilidades tão importantes quanto. Essa supervalorização que há no ambiente escolar é um reflexo da nossa sociedade, que insiste em isolar os conhecimentos e hierarquiza-los de diferentes formas.

Sob essa ótica, temos as linguagens artísticas que no campo de conflitos do currículo da educação básica tem pouca força e nos últimos anos luta para ganhar o espaço merecido. É fundamental considerar a importância das diversas linguagens artísticas, dentre essas a Artes Visuais. Eça (2014) postula sobre a necessidade da valorização das artes visuais no ambiente escolar, como eixo fundante do desenvolvido humano.

Existe uma infinidade de obras de artes visuais, marcadas por diferentes elementos: o tempo e espaço de sua produção, a proposta política e social de sua criação, aspectos estéticos que são marcas os seus autores, dentre outros. Aqui nos debruçamos sobre a Xilografia, uma arte visual marcada pela regionalidade e o simbolismo, ao representar um grupo social e um território do nosso país.

Assim, o trabalho com a Xilografia tem uma dualidade pedagógica: a valorização das artes visuais e o estudo sobre a cultura local. Nesse sentido, a xilografia não se configura apenas como uma técnica artística, mas como um patrimonial cultural das artes (SOUZA, 2007) que precisa ser batido no ambiente escolar, dentro e fora do nordeste, a fim de evidenciar a identidade de um povo que compõe nosso país.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar uma intervenção pedagógica na educação infantil que tinha como protagonismo a xilogravura, buscando a valorização da cultura local e das artes visuais. A turma na qual desenvolvemos as atividades estava situada em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), o qual atende a comunidade da zona norte da cidade do Natal, capital do Rio Grande do Norte. As crianças na ocasião tinham a idade entre 3 e 4 anos e estavam devidamente matriculadas no nível III da Educação Infantil.

Para o planejamento das etapas deste estudo tomamos como referencial a Abordagem

1 Texto retirado da obra “O livro dos abraços”.

Triangular, a qual é defendida por Ana Mae Barbosa (2007). Tal abordagem quando aplicada no processo de ensino, contribui para a elaboração de atividades de contextualização, ligadas as práticas artísticas e a apreciação de obras, inserindo os sujeitos em uma dinâmica que contemple diversos aspectos da aprendizagem.

Nossa metodologia se caracterizou como intervenção pedagógica, tendo em vista que se fez necessário a aplicabilidade e a inserção das práticas na rotina dos sujeitos e no cenário escolar. O desenvolvimento das aulas se deram mediante o projeto trimestral em vigência. Vale ressaltar que a temática foi escolhida pela coordenação da escola e, desse modo, as demais atividades foram planejadas.

Mais adiante apresentaremos a discussão metodológica, nosso referencial teórico, nossos resultados e uma discussão a partir do que nos foi possível perceber no campo da pesquisa e com base em nossas referências. Nas conclusões, traremos apontamentos para aqueles cujo estudo interessar, a fim de que possam ampliar as discussões nessa temática e, com isso, contribuir para o avanço do ensino com artes na Educação Infantil.

Caminho Metodológico

Visando atender aos objetivos traçados e a busca pelos resultados de modo satisfatório, esta pesquisa se deu mediante uma estruturação metodológica com abordagem qualitativa. A qual “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Nesse sentido, salientamos que esta pesquisa buscou, dentro da sala de aula intervir na realidade daqueles sujeitos, possibilitando a experimentação de novas propostas artísticas e, desse modo, auxiliando no processo de formação de novos conceitos e aprendizagens. O estudo então considera a subjetividade e a dinâmica da relação presente no contexto investigado.

Desse modo, entendemos que nossa metodologia se pauta em uma intervenção pedagógica. Damiani et.al (2013) aponta que “as pesquisas do tipo intervenção pedagógica são aplicadas, ou seja, têm como finalidade contribuir para a solução de problemas práticos”. Assim sendo, nossa pesquisa toma estas características pois acontece na realidade da escola, na qual, enquanto educadores e pesquisadores desenvolvemos atividades a fim de alcançar resultados reais, oriundos da ação e do processo de aplicabilidade.

Nas intervenções, a intenção é descrever detalhadamente os procedimentos realizados, avaliando-os e produzindo explicações plausíveis, sobre seus efeitos, fundamentadas nos dados e em teorias pertinentes. Os cruzamentos de dados coletados por meio de diferentes instrumentos, a reflexividade e a validação comunicativa são os aspectos que imputam boa qualidade às pesquisas qualitativas (DAMIANI et al., 2013, p. 59).

Diante disso, a pesquisa aqui relatada se articula metodologicamente e utiliza enquanto meios para alcançar seus resultados a análise do corpo discente, o planejamento escolar, a percepção dos sujeitos sobre a intervenção e fotografias como registros, os quais nos permite avaliar se os objetivos pedagógicos do momento foram alcançados.

A partir dessa abordagem metodológica as práticas realizadas com as crianças foram organizadas mediante suas potencialidades, agregando novos saberes a suas realidades, a fim de que possam desenvolver novas capacidades reais. Seguimos o conceito de desenvolvimento apontado por Vygotsky (2007), que vai da Zona de desenvolvimento potencial, passando pela zona de desenvolvimento proximal, até alcançar os reais saberes dos sujeitos, consolidando o aprendizado.

Partindo desses pressupostos, ressaltamos que o nosso campo de pesquisa se deu em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), com crianças em idade de 3 e 4 anos, matriculadas na nível III da Educação Infantil. O espaço escolar em questão está situado na Zona Norte da capital, o bairro em sua maioria é habitado por uma parcela populacional de baixa renda, a mobilidade de

parte das crianças se dá por meio do ônibus escolar cedido pela prefeitura.

A turma tinha o quantitativo de 25 crianças, todas estavam em pleno desenvolvimento das aprendizagens, possuindo uma boa oralidade, se fazendo entender com clareza, o diálogo era constantemente incentivado e, por esse motivo, os sujeitos se fizeram atentos durante todo o processo, o que auxiliou para o alcance dos resultados obtidos.

Nesse processo foram levados em consideração a realidade dos sujeitos, a etapa de desenvolvimento cognitivo que se encontram, a estrutura física da escola, os materiais disponíveis e a culminância, a qual se configura enquanto uma amostra realizada para a comunidade escolar. Diante disso, nossa pesquisa contou com etapas que seguiram o cronograma trimestral instituído pela escola e buscou alcançar os resultados sem ocasionar modificações na rotina já estabelecida.

A abordagem triangular como caminho até a xilogravura

Para melhor situar o leitor deste artigo entendemos ser necessário a construção de uma linearidade conceitual, a qual auxiliará na compreensão de termos aqui defendidos com base nos nossos alicerces teóricos. Para tanto, discutiremos os conceitos de criança e infância (ARROYO, 1994), Educação Infantil (BRASIL, 2010; 2018), Artes e Abordagem Triangular (SILVA; LAMPERT, 2016) e uma contextualização sobre a Xilogravura enquanto instrumento metodológico (SOUZA, 2013).

Como já exposto no título, nosso trabalho se desenvolve na educação infantil. Para tanto é importante que apontemos a concepção de infância que defendemos e o que acreditamos ser importante para o desenvolvimento desses sujeitos no processo de escolarização, mais especificamente na etapa da Educação Infantil.

Assim, Arroyo (1994, p. 88) aponta que “a infância não existe como categoria estática, como algo sempre igual. A infância é algo que está em permanente construção”. Desse modo, o sujeito que adentra no sistema de escolarização está em constante mutação e através das interações com as diferentes possibilidades do cotidiano escolar poderá ampliar suas capacidades cognitivas e interacionais.

De antemão, defendemos que o processo de aprendizagem das crianças ocorre de conformidade com suas realidades, tendo em vista que, quando expostos ao mundo os sujeitos aprendem por meio da interação com ele, a partir das vivências que lhes são disponibilizadas, seja em casa, na rua ou na escola (VYGOTSKY, 2007). Assim, como bem defende Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, desse modo, enquanto educadores precisamos entender a importância que os contextos da sala de aula podem auxiliar nas percepções e aprendizagens das crianças.

Nossa concepção de criança segue a defendida nos marcos regulatórios e diretrizes da Educação Infantil no Brasil. De conformidade com as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEI), promulgada no ano de 2010, a criança é apontada enquanto:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

Diante disso, a educação infantil e todos os que dela fazem parte precisam ter em mente a importância que é proporcionar dinâmicas que potencializem o desenvolvimento das crianças de maneira integral, privilegiando as diversas linguagens, inserindo os indivíduos em um ambiente que os permita fruir de suas capacidades, experimentando novas possibilidades e ampliando seus repertórios cognitivos.

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento

sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola (BRASIL, 2018, p. 38).

Como apontado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), se faz necessário uma intencionalidade dos educadores no momento de planejar suas atividades, agregando as dinâmicas que proporcionam interação com as múltiplas linguagens que existem no mundo. Como já apontamos, acreditamos no processo de aprendizagem das crianças em contato com o mundo, com uma ampla diversidade de possibilidades e, por isso que defendemos essa atenção dos educadores para com esses elementos.

De acordo com a BNCC “parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças” (BRASIL, 2018, p. 39). Isso reforça o que já viemos defendendo no decorrer do texto, de modo que a base ainda nos coloca que na Educação Infantil, as “aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se [...]” (BRASIL, 2018, p. 39). Visando construir aprendizagens significativas com base nas vivências com as diversas linguagens.

Diante desses eixos buscamos salientar termos referentes a criatividade, linguagens e cultura e fica claro que, para a Educação Infantil, a ênfase dada é de fato o aprendizado das crianças por meio das múltiplas linguagens.

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia (BRASIL, 2018, p. 38).

Compreendemos que através da exploração da diversidade artística e cultural as crianças têm potencial desenvolvimento de suas habilidades críticas, tendo em vista que, ao se depararem com uma atividade que evolva o sensorial atrelado ao fazer artístico os sujeitos experimentam uma vivência ativa. Desse modo, são capazes de aprimorar sua percepção e imaginação. Como bem aponta Barbosa (2007, p. 23) quando explica que:

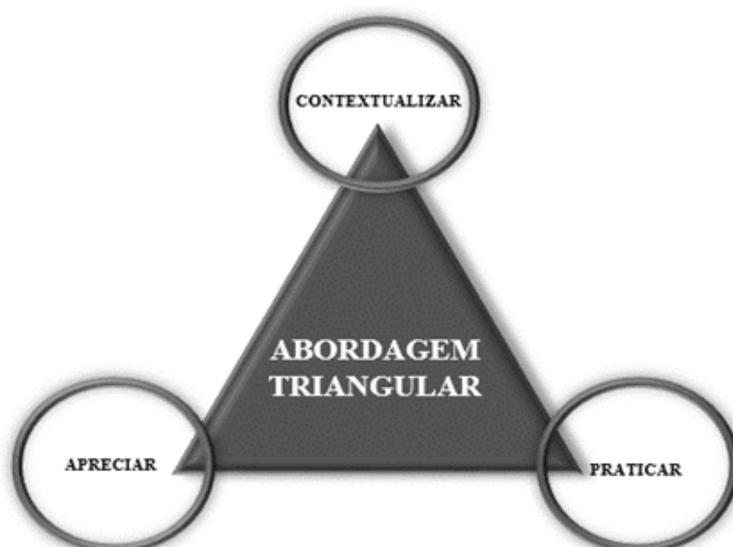
A arte na educação é importante para a identificação cultural e o desenvolvimento criador individual. Através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo realizar a realidade e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Para Barbosa (2007), o estudo de artes não era tratado apenas como mera reprodução de pinturas ou apreciação distanciada de obras. A autora que possui bases freireanas em suas teorias, defendia um trabalho com artes que proporcionasse aos sujeitos uma reflexão sobre o que estão apreciando, conhecendo e recriando.

Ana Mae Barbosa, percebendo o contexto modernista de recusa ao ensino crítico e reflexivo, inicia o processo de sistematização da Abordagem Triangular, que se ancora sobre o Ler, Fazer e Contextualizar, pressupondo um pensamento articulado, no qual o contexto do educando é tomado com relevância frente ao conteúdo ensinado (SILVA; LAMPERT, 2016, p. 89).

Conforme apontado, a abordagem triangular apresentada por Barbosa (2007) permite aos sujeitos uma vivência integral da arte. A abordagem se articula em uma tríplique que busca a apreciação, a contextualização e a confecção. Para melhor compreendermos a metodologia. Segue um esquema conceitual da abordagem:

Figura 1. Esquema metodologia da Abordagem triangular.



Fonte: elaboração dos autores

Segundo Silva e Lampert (2016, p. 91),

A imagem do triângulo permite ao professor escolher em qual das pontas iniciará seu trabalho. Por isso, é uma abordagem dialógica. Sua potência está na relação entre a tríade que permite reordenação da prática docente. Assim, não deve ser tomada como um passo a passo. Isso seria perder suas significações em um vazio.

Contanto que todas as etapas executadas, a abordagem triangular possibilita ao educador desenvolver a aproximação de seus alunos com as artes através de uma dinâmica ativa, na qual os sujeitos podem analisar e também tecer interpretações sobre o que está sendo apresentado, compreendendo seu contexto sociocultural e, a partir disso elaborar o fazer artístico.

Na Educação Infantil os processos de ensino precisam de um planejamento minucioso, tendo em vista que os sujeitos ainda estão desenvolvendo o senso crítico, as percepções e a leitura de mundo. Nesse sentido, o trabalho com as artes e com a abordagem triangular necessita de uma atenção maior por parte do educador, o qual é ferramenta chave para realizar o levantamento de questões inerentes as obras e, desse modo, capturar a atenção dos sujeitos, assim como o entendimento deles sobre o que está sendo exposto.

A leitura de imagem e o fazer artístico (o qual desenvolve cognição e aprendizado) também evidenciam a potência da contextualização, que propõe que se parta do real, dos lugares e vivências dos quais já se tem conhecimento, o que não significa restringir o ensino apenas ao cotidiano dos educandos, mas propiciar a consciência de subjetividade revelando o multiculturalismo dos códigos estéticos de diferentes grupos, e não apenas propiciando uma educação colonizadora, vedada perante os acontecimentos socioculturais (SILVA E LAMPERT, 2016, p. 92).

Barbosa (2007) não aponta um método pronto ou uma receita para se ensinar artes, mas possibilidades que, quando utilizadas pelos educadores, podem proporcionar um ensino de artes rico em diversidade estética e cultural, ampliando o repertório dos sujeitos e não apenas os inserindo numa reprodução descontextualizada.

[...] na Abordagem Triangular, ela é uma coisa absolutamente imprescindível. Para viver no mundo, para estar no mundo, você tem que se contextualizar e contextualizar aquilo que você vive, aquilo que você conhece, enfim. Então, a gente vive dependendo dos contextos para tomar posição, e educação é contexto (Barbosa, entrevista pessoal, 16 de novembro de 2015 apud SILVA E LAMPERT, 2016, p. 92).

Desse modo, fica claro a necessidade de contextualizar a arte diante dos sujeitos a fim de que eles possam interpretar o que está posto, tecer comentários, analisar os traços, as cores. Nesse sentido, o educador enquanto mediador da tarefa, precisa ter em seu repertório questionamentos que encaminhe os sujeitos a refletirem sobre tais aspectos. Ressaltamos que na Educação Infantil isso é extremamente necessário para que ocorra, como bem defende a teoria vygotskiana (2007), o processo de aprendizagem.

Para tanto, ao escolhermos trabalhar com a Xilogravura, arte tradicional na região Nordeste, podíamos esperar dos sujeitos um estranhamento inicial, tendo em vista que ao se depararem com os aspectos inerentes a esse tipo de obra logo poderiam sentir a falta do jogo de cores, dos traços mais vivos, e assim demandariam um tempo extra para interpretar o que se tratava a obra apresentada. Enquanto educadores, já estaríamos com tais possibilidades planejadas, elaborando meios para que os sujeitos pudessem traçar os caminhos necessários para a compreensão do que estava sendo apreciado.

A xilogravura se caracteriza como:

[...] forma de gravura que tem como matéria prima a madeira. O artista faz um entalhe em uma placa de madeira com goivas ou outros objetos cortantes, produzindo uma matriz, ou seja, os desenhos, que posteriormente será entintada e impresso no papel. A técnica da xilogravura veio para o Brasil no século XIX, trazida pela corte portuguesa, e logo a xilogravura e Cultura Popular se expandiram pelo nordeste brasileiro. Sendo então fundamental para as ilustrações presentes nos folhetos de cordel, em anúncios e ilustrações de jornais e também de divulgar os acontecimentos do Sertão Nordestino (SOUZA, 2013, p. 9).

Trazer para a sala de aula um forte elemento artístico e cultural como a xilogravura, nos permite enquanto educadores ampliar o senso estéticos das crianças, fortalecer a identidade regional, aprimorar as percepções visuais e motoras do aluno e articular o fazer artístico popular e os saberes científicos em prol do aprendizado significativo.

De modo geral acredita que a xilogravura é uma forma de gravura que tem como matéria prima a madeira. Assim o que o artista faz, é entalhar em uma prancha de madeira com goivas ou outros objetos cortantes produzindo uma matriz, ou seja, os desenhos, que posteriormente será entintada e impresso no papel (SOUZA, 2013, p. 13).

Trabalhar a xilogravura com crianças permite o aprofundamento em dimensões sensoriais diversas. Os sujeitos manuseiam materiais que estão em sua realidade cotidiana, manuseiam tinta, pincéis, sentem o relevo deixado na madeira. Enfim, as possibilidades são inúmeras. É nesse sentido que defendemos a utilização deste patrimônio cultural e artístico enquanto instrumento metodológico, ressaltando a necessidade de atenção dos educadores para com sua turma, a faixa etária e a necessidade de adaptação de materiais para a realidade dos sujeitos.

A xilogravura em sala aula

Partindo dos pressupostos teóricos, dos objetivos articulados e das atividades planejadas de conformidade com a realidade dos sujeitos e do espaço escolar, a intervenção nos rendeu resultados satisfatório, tendo em vista que conseguimos uma excelente aplicabilidade. O processo nos rendeu bons diálogos com as crianças, percebemos satisfação na execução das etapas e, acima de tudo, conseguindo contribuir para um aprendizado significativo para aqueles indivíduos.

As atividades norteadoras desta intervenção estavam inseridas em um planejamento o qual englobava outras diversas dinâmicas baseadas em um eixo temático central. Desse modo, o trabalho com a xilogravura se deu articulado com a contação de uma lenda e a apresentação de uma imagem referente a ela (figura 2).

Figura 2. Xilogravura da lenda “Baleia que mora embaixo da igreja Matriz de Ceará-Mirim”



Fonte: Blog Gildson Machado CM - histórias, lendas e tradições de Ceará-Mirim

Para introduzirmos as atividades iniciamos uma roda de conversa. Como já está agregado na rotina das crianças este momento foi interessante, considerando que nele pudemos levantar

questões sobre o que são lendas e se eles já conheciam as lendas mais comuns do folclore brasileiro, como o Saci, a lara, a Cuca, entre outras.

Em seguida iniciamos a contação da lenda da “Baleia que mora embaixo da igreja Matriz de Ceará-Mirim”. O processo de contação ocorreu dentro do planejado, as crianças demandaram a atenção necessária para que compreendessem o que estava sendo exposto. Vale ressaltar que, alguns termos foram alterados para melhor atender ao linguajar das crianças e assim nos fazemos compreender.

Ao terminarmos a contação da lenda, voltamos a levantar alguns questionamentos sobre a história, sobre os personagens citados, se elas acreditavam ou não, entre outras. Buscamos fazer uma introdução através de algo que cativasse as crianças e assim pudéssemos despertar a sua atenção voluntária.

Toda essa contextualização é fundamental considerando a imersão dos alunos na temática que seria trabalhada a seguir. Tal momento colaborou com a contextualização, prevista na abordagem triangular, que visa a aproximação do aluno com a arte estudada (BARBOSA, 2007). Para iniciarmos a intervenção com a xilogravura fizemos a apresentação da figura 2 com o uso do projetor e questionamos as crianças a respeito dos elementos contidos na imagem. Buscamos articular os momentos entre as atividades, provocando as crianças a realizarem conexões entre a lenda contada e a imagem apresentada.

No primeiro momento ao se depararem com a xilogravura fica explícita a expressão facial da dúvida, do que se tratava aquela imagem e logo surgiu o questionamento: “Por que é tudo preto?”. Diante disso começamos a levantar discussões que pudessem auxiliar na compreensão da estética da arte xilográfica.

Possibilitar o questionamento e análise sobre imagens em sala de aula trata-se de uma questão de democratização do saber, e assim, superação do que estava em voga, e que ainda, muitas vezes, é percebido de forma recorrente no contexto escolar. Compreender a imagem na contemporaneidade é exercer reflexão sobre o olhar para o contexto em que se vive, e assim, das visões e leituras de mundo (SILVA; LAMPERT, 2016, p. 92).

Nesse sentido, começamos a direcionar as crianças a perceberem o que estava gravado nos contornos brancos da imagem, a fim de que elas percebessem sua totalidade e não apenas o tom mais forte da figura. Essa perspectiva desautomatiza o olhar do leitor para a imagem, e o provoca a pensar sobre outras formas de ilustrações que muitas vezes não estão em nosso cotidiano, ampliando o repertório artístico da criança (BRADÃO, 2016)

Durante a discussão algumas crianças relataram que conseguiam enxergar um peixe, outros já apontavam que era uma baleia e alguns afirmavam que era a baleia da lenda contada. Enquanto isso, outros apontavam a cobra e começavam a fazer aproximações com momentos de seu cotidiano ao relatarem que já tinham visto cobras em suas casas.

Passado o momento inicial da introdução da imagem, seguimos com contextualização. Realizamos uma breve explicação sobre o que é cordel, levamos um exemplar para que os alunos vissem e pudessem folheá-lo, assim também, como, pudessem perceber outras xilogravuras para além daquela já apresentada.

A leitura de imagem e o fazer artístico (o qual desenvolve cognição e aprendizado) também evidenciam a potência da contextualização, que propõe que se parta do real, dos lugares e vivências dos quais já se tem conhecimento, o que não significa restringir o ensino apenas ao cotidiano dos educandos, mas propiciar a consciência de subjetividade revelando o multiculturalismo dos códigos estéticos de diferentes grupos, e não apenas propiciando uma educação colonizadora, vedada perante os acontecimentos socioculturais (SILVA; LAMPERT, 2016, p. 92).

Nesse processo de contextualização da arte xilográfica o que nos surpreendeu foi a percepção dos sujeitos para com os traços daquelas figuras. Os alunos começaram a tecer apontamentos sobre a composição estética dos personagens do livro de cordel folheado, alguns afirmando que eram “pessoas feias” desenhadas, outros apontaram que a imagem exposta no quadro era “mais bonita” (referência a xilogravura da lenda contada). Fica evidente a apreensão da estética posta na xilografia, no qual os alunos fazem as análises tendo como referência ao repertório visual que já tinham construído (BRANDÃO, 2016).

A partir de tais percepções conseguimos compreender que os sujeitos estão inseridos em uma cultura estética e visual moldada a partir de imagens padronizadas, comumente vendidas nos livros paradidáticos e nos desenhos infantis, concebidas mediante uma compreensão imagética comercial. É necessário ir além, provocar os alunos a experimentar novas estéticas que os despertem a necessidade de repensar o belo (DONDIS, 1997).

Partindo disso, enquanto educadores reafirmamos a necessidade de romper com estes padrões estéticos que já estão enraizados na nossa cultura, fazendo com que os sujeitos possam perceber a originalidade da arte xilográfica e compreenderem que a maneira como é composta traz à tona outros moldes estéticos.

Realizada a etapa da contextualização, nos direcionamos ao momento da prática, o qual consiste em um dos vértices da abordagem triangular (BARBOSA, 2007). Para a execução de tal momento resolvemos levar para os sujeitos uma oficina de xilogravura, adaptada à idade das crianças e aos materiais disponíveis para a realização do momento.

Para que a intervenção acontecesse, utilizamos de materiais que são próximos da realidade escolar. Desse modo, para a confecção da placa de gravação da xilogravura utilizamos um isopor, o qual era oriundo de bandejas utilizadas em supermercados para embalar frios. A escolha desse material se deu pela espessura que ele possui e a facilidade de desenhar em sua superfície.

Ao invés de usarmos as goivas e buris, instrumentos da Xilografia, para confeccionar o entalhe da madeira, utilizamos o lápis grafite para fazer a marcação nas placas de isopor. Desse modo, deixando que fique em baixo relevo apenas o que seria gravado no papel.

Figura 3. Momento de confecção das placas de xilogravura



Fonte: acervo dos autores

No momento do fazer artístico é importante frisar que, a todo instante eram levantados apontamentos sobre o que era aquele tipo de arte. Contextualizávamos sobre a historicidade, a regionalidade, a cor, a maneira correta de segurar o lápis para fazer a marcação na placa de isopor. Ressaltamos que é de extrema importância que o educador esteja atento ao processo de execução

da tarefa, não deixando que aconteça o fazer por fazer, mas sim uma prática orientada e interligada com as demais etapas.

Ana Mae Barbosa, compreendendo a relevância da contextualização, propõe também a percepção da Abordagem Triangular como um zigue-zague, que perpassa pelo fazer-contextualizar-ver-contextualizar. Construindo essa nova imagem que, no ir e vir, retorna ao contextualizar. É notar a pertinência da contextualização para o Ensino, para a compreensão do fazer e ler/ver (SILVA; LAMPERT, 2016, p. 93).

O fazer na educação infantil é o momento de fruição, no qual os sujeitos sentem e demonstram prazer ao executarem. A manipulação dos materiais, o tocar na tinta, as texturas sentidas, tudo isso se articula para complementar um aprendizado significativo (BRASIL, 2010).

Após confeccioná-las, as crianças precisariam fazer uso e assim, perceberem o resultado que a sua construção iria proporcionar. Desse modo, elaboramos uma atividade para que os sujeitos pudessem realizar o uso de suas placas xilográficas. Tal momento se configura como crucial na arte da xilografia.

Figura 4. Etapa da utilização das placas de xilogravura construídas pelas crianças



Fonte: acervo dos autores

Havendo finalizado o processo de utilização das placas de xilogravura, cada criança pôde expôr sua arte. Diante disso, construímos junto com eles um mural, a fim de que os artistas pudessem apreciar sua construção e a de seus colegas, cumprindo a terceira vértice da abordagem triangular (BARBOSA, 2007).

Vale salientar que o processo de exposição das atividades e a permissão para que eles apreciem seus trabalhos é de extrema significância para qualquer etapa de ensino, tendo em vista que possibilita o fortalecimento do pertencimento e o reconhecimento de sua construção pessoal. A figura 5 apresenta a exposição organizada com as xilogravuras dos sujeitos:

Figura 5. Exposição organizada das crianças com as placas xilográficas



Fonte: acervo dos autores

Diante do que foi apresentado podemos afirmar que, o ensino de artes na Educação Infantil é fundamental no processo de aprendizagem dos sujeitos, a partir de atividades artísticas planejadas, organizadas mediante um referencial teórico e, não apenas utilizada como passatempo ou mera prática sem sentido. A abordagem triangular postulada por Barbosa (2007) se coloca como uma possibilidade pedagógica que pode servi de referencial para outras práticas de ensino com a xilografia e/ou outras expressões artísticas.

De acordo com Silva e Lampert (2016, p. 93) “o fazer por fazer ([...] criticado pela Abordagem Triangular) torna-se facilmente uma experiência incipiente por não contribuir de maneira reflexiva sobre o aprendizado em artes visuais”. Desse modo, defendemos um trabalho com artes que permita a apreciação, o levantamento de questões, a leitura da imagem e um fazer contextualizado, o que proporciona uma experiência dinâmica, ativa e prazerosa no processo de ensino e aprendizagem.

Para além disso, o trabalho com a Xilografia, desperta o aluno para uma arte local, um patrimônio cultural de onde vive. Nessa perspectiva, a prática busca valorizar as artes visuais que fogem de um “cânone” artístico muitas vezes renegados nas práticas pedagógicas na educação básica. É fundamental que os professores estejam atentos a democratizar o acesso das crianças as mais diversas expressões artísticas dentro do ambiente escolar.

Considerações Finais

Nesse processo de construção do saber no âmbito da educação infantil, o trabalho com artes tem sido instrumentalizado e tratado de maneira superficial. Comumente é visto atividades que em nada se articulam com as reais necessidades de aprendizagem dos indivíduos. Desse modo, esta pesquisa buscou apresentar uma possibilidade de trabalho com ênfase na Abordagem Triangular, a qual tem sido ferramenta no ensino de artes em diversas etapas de ensino.

O planejamento de uma vivência prazerosa e significativa introduziu os sujeitos a se perceberem enquanto construtores desse processo. A abordagem triangular nos permitiu refletir junto com as crianças, nos possibilitou conhecer mais da arte xilográfica, sua história, sua força regional e, acima de tudo, nos possibilitou repensar a prática educativa e romper com o estigma da incapacidade infantil de compreender criticamente a arte.

Convidamos aos demais educadores que tiverem acesso a esse estudo que, repensem a prática de ensino com artes, se aprofundem nos estudos da abordagem triangular defendida por Barbosa (2007). Acreditamos na capacidade interpretativa e crítica que as crianças possuem. Pois, quando estimuladas desde cedo, os sujeitos tornam-se apreciadores de arte e defendem no seu meio social a utilização desta ferramenta.

Também destacamos a importância da valorização das artes visuais no desenvolvimento do sujeito. Em nosso caso, por meio dessa manifestação artística, os alunos puderam conhecer mais de sua própria cultura, dos lugares no mundo em que habitam. Levantar discussões sobre as

diferentes culturas no ambiente escolar é um papel fundamental do professor em qualquer etapa ou modalidade de ensino, fazer uso das artes visuais para provocar tais discussões é um caminho fértil considerando que toda cultura tem sua identidade visual.

Por fim, salientamos ainda o quanto fundamental é promover na escola ambientes que tragam à tona temáticas que por vezes são silenciadas ou postas em segundo plano, as artes visuais e a cultura local em nosso caso. É necessário que enquanto educadores possamos democratizar o acesso aos diferentes saberes no ambiente escolar.

Referências

ARROYO, M. G. O significado da infância. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, I. Brasília, DF, 1994. **Anais...** Brasília, DF: MEC, 1994. p.88-92.

BARBOSA, A. M. **Educação estética e a constituição do sujeito**: Reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFES, 2007.

BRANDÃO, M. A. O. **Cultura visual e a formação do olhar**: desafios conceituais e didáticos para o currículo escolar. 2016. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15.maio.2020.

DAMIANI, Magda Floriana. et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel. | Pelotas – Ed. 45 - 57 – 67, maio/agosto 2013.

DE ECA, T. T. Para além do crepúsculo das artes visuais na escola: beyond the twilight. **Rev. Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 26, p. 17-27, mar. 2014

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

PEREIRA, Morgana Rocho. **As linguagens da arte na infância**: Refletindo sobre o cotidiano da criança. Trabalho de conclusão de curso – Artes Visuais. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma – SC, 2011.

SILVA, Tharciana Goulart da; LAMPERT, Jociele. **Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro**. Revista *Matéria-Prima*. ISSN 2182-9756 e-ISSN 2182-9829. Vol. 5(1): 88-95, 2017.

SOUZA, R. V. **A xilogravura popular nos projetos de design**: um estudo sobre a compreensão e a utilização das imagens da xilogravura pelos designers. 2007.138 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SOUZA, Juliana O. de. **A xilogravura nordestina na arte-educação**: Como usá-la como ferramenta de ensino. Trabalho de conclusão de curso – Artes Visuais. Universidade de Brasília – UnB, Tarauacá, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos

psicológicos superiores. – 7.^a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em 09 de dezembro de 2020.

Aceito em 18 de fevereiro de 2021.